



O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO COMO ATIVISMO POLÍTICO: O CASO AMIA - 1994

Paulo Roberto Alves Teles*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

pauloteles_aju@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo é fruto de investigações iniciais e tem como objetivo analisar o processo de formação do fundamentalismo islâmico contemporâneo e o atentado contra a Associação Mútua Israelita Argentina (AMIA) em Buenos Aires. Para isso, utilizamos como metodologia a análise historiográfica sobre o nascimento do fundamentalismo islâmico e os seus principais elementos ideológicos como também obras e reportagens que se debruçaram sobre o atentado contra a AMIA. O trabalho se dedica a retomar o debate acadêmico sobre o nascimento do fundamentalismo islâmico como uma ferramenta de ativismo político e nesse sentido, entende que o atentado promovido em Buenos Aires teria sido um desdobramento desse posicionamento ideológico. Soma-se a isso, os elementos antisemitas históricos presentes na Argentina, que reúne simultaneamente as maiores comunidades judaicas e árabes da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Extremismo; Fundamentalismo Islâmico; América Latina

ISLAMIC FUNDAMENTALISM AS POLITICAL ACTIVISM: THE AMIA CASE – 1994

ABSTRACT: This article is the result of initial investigations and aims to analyze the process of formation of contemporary Islamic fundamentalism and the attack against the Argentine Israeli Mutual Association (AMIA) in Buenos Aires. For this, we use as a methodology the historiographic analysis on the birth of Islamic fundamentalism and its main ideological elements as well as works and reports that focused on the attack against AMIA. The work is dedicated to retake the academic debate on the birth of Islamic fundamentalism as a tool of political activism and in this sense, understands that the attack promoted in Buenos Aires would have been a deployment of this ideological position. Add to this the historical anti-Semitic elements present in Argentina, which brings together the largest Jewish and Arab communities in Latin America.

KEYWORDS: Extremism; Islamic Fundamentalism; Latin America

INTRODUÇÃO

* Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente desenvolve pesquisa sobre Extremismo e atentados terroristas islâmicos praticados no continente americano.

Buenos Aires, 18 de julho de 1994. 09h53. A Argentina é surpreendida com mais um ataque contra a sua comunidade judaica (dois anos antes, a Embaixada Israelense também havia sofrido um atentado), a maior da América Latina. Dessa vez, o atentado ocorrera contra a Associação Mútua Israelita Argentina (AMIA) e fora responsável pela morte de 85 pessoas, além de ter sido responsável por centenas de feridos. O presente artigo é fruto de investigações iniciais sobre o tema e tem como objetivo analisar o processo de formação do fundamentalismo islâmico contemporâneo e o atentado contra a AMIA.

Maior ataque terrorista ocorrido na América do Sul, sua investigação tem sido marcada por uma série de polêmicas que vão desde a suspeita de encobrimentos promovidos por autoridades policiais, juízes e até mesmo o governo Kirchner à morte do Promotor Alberto Nisman encarregado da denúncia contra o governo. Movidada por grandes pressões sociais, das quais o ex-cardeal Jorge Mario Bergoglio e atual Papa Francisco I destacou-se com o manifesto “85 vítimas, 85 assinaturas”, a investigação deixou em aberto inúmeras perguntas e principalmente suspeitas.

A Argentina que, além de ser sede da maior comunidade judaica da América Latina, também abriga a maior comunidade islâmica da região, destaca-se aqui a construção da Mesquita do Rei Fahd (maior mesquita do território latino-americano), financiada pela Arábia Saudita em parceria com o ex-presidente Carlos Menem e inaugurada no ano 2000.

O país reúne dois povos historicamente conflituosos e que tem apresentado um aumento das suas tensões em virtude dos conflitos árabe-israelenses. É também importante mencionar que a Argentina é palco de inúmeras manifestações antissemitas e que abrigou inúmeros fugitivos nazistas a partir dos momentos finais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com destaque para Adolf Eichmann, capturado em 1960 pelo Mossad e levado a julgamento em Israel.

Além disso, os anos 1990 foram marcados na Argentina por uma escalada de ataques contra a comunidade judaica, a saber, o atentado contra a Embaixada Israelense em Buenos Aires (1992); Atentado contra a Amia (1994); Agressão promovida por neonazistas contra o jovem Claudio Salgueiro (1995); Profanação de túmulos judaicos

em Tablada e Ciudadela (1997-1998)¹, o que evidencia o sentimento antissemita apresentado acima. No entanto, antes de nos debruçarmos sobre o caso, é preciso apresentar qual conceito de terrorismo que esse trabalho irá se norteado e o contexto histórico no qual está imerso o atentado.

UMA BREVE ANÁLISE SOBRE TERRORISMO CONTEMPORÂNEO: “O HORROR, O HORROR!”²

Ao se debruçar sobre os últimos anos, o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva (2010) aponta que, ao contrário do que se previa pós 1991 (fim da URSS), o mundo não assistiu ao estabelecimento de relações internacionais otimistas, ainda que se almejasse uma redução das preocupações e exigências sobre a defesa e a segurança, isto evidentemente não aconteceu.

Caracterizado por um cenário cada vez mais tortuoso e enigmático, os últimos anos do século XX e os primeiros do século XXI apresentaram ao mundo um ambiente de incertezas e desesperança, no qual as expectativas de paz foram dilaceradas repetidamente por atentados terroristas viscerais que modificaram as formas tradicionais de se compreender os conflitos.

Ainda que haja inúmeros e conflituosos conceitos sobre o termo Terrorismo, utilizaremos nesse trabalho a definição estabelecida por Tore Bjørgo

(...) Most agree that terrorism is a set of methods or strategies of combat rather than an identifiable ideology or movement, and that terrorism involves premeditated use of violence against (at least primarily) non-combatants in order to achieve a psychological effect of fear on others than the immediate targets (...).³

Além disso, concordamos com o autor na medida que ele estabelece que há um consenso entre os pesquisadores do tema que estabelece a definição de terrorismo

¹ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. SILVA, Gabriela Rezendes da. **A Extrema Direita Argentina em ação: Intolerância, Violência e Antissemitismo (1995-2002)**. in: MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Extremismo no tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017;

² CONRAD, JOSEPH. **O coração das Trevas**. Lisboa: editora Estampa, 2000;

³ BJØRGO, Tore. **Root Causes of Terrorism: Myths, Reality and ways forward**. Oxfordshire: editora Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 02. E-book. ISBN 0-203-33765-4. Disponível em < <http://b-ok.org/book/976736/8dbce5> > Acesso 15 set 2017; “A maioria concorda que o terrorismo é um conjunto de métodos ou estratégias de combate, do que uma ideologia ou movimento identificável, e que o terrorismo envolve o uso premeditado da violência contra (pelo menos principalmente) não-combatentes, a fim de alcançar um efeito psicológico do medo em outros do que os alvos imediatos”.(Tradução nossa)

vinculada ao extremismo dos meios e não aos seus fins, nas palavras do mesmo "(...) *The emerging consensus, however, is that terrorism is primarily an extremism of means, not one of ends (...)*".⁴

De saída, é preciso compreender que existem dois elementos ou situações que explicam o terrorismo. O primeiro consiste nas pré-condições para o terrorismo, que consistiria num contexto mais amplo composto por elementos históricos, aspectos político-econômicos e características socioculturais. Já o segundo, consistiria nos atos precipitantes para o evento terrorista, ou seja, determinadas situações ou práticas que colocariam em marcha os aspectos supracitados, possibilitando assim, o estopim necessário para o ato extremista.

Bjørgo considera que existem alguns elementos que nos ajudaria a compreender o terrorismo e as suas manifestações: 1) Estruturas socioeconômicas, modelos políticos e suas crises corresponderiam em elementos pré-condicionais para o surgimento de grupos terroristas e conseqüentemente de atentados, os quais podem ser coordenados pelos mesmos ou realizados por "lobos solitários" (indivíduos que agem sozinhos desconexos de um determinado grupo terrorista); 2) Tecnologias e mecanismos facilitadores, especialmente de comunicação, que permitem a dinamicidade e a praticidade para a realização de atos terroristas. Alguns estudiosos desse aspecto denominam essa condição de ecologia do terrorismo, a qual consistiria na cooperação internacional entre grupos terroristas em prol da realização de novos atentados. Dessa forma, por não possuírem território ou população específica para defender, as táticas tradicionais de guerra se tornam inúteis perante esses novos grupos; 3) Causas motivacionais, a forma como os impactos estruturais afetam os indivíduos e gerariam as condições necessárias para a ação terrorista. Elementos ideológicos, traumas pessoais, situações de insegurança, condições econômicas podem influenciar os indivíduos que se dediquem a esses atos e por fim, 4) Elementos desencadeadores, podem ser desde ultrajes realizados pelo adversário, como atos políticos que sejam vistos considerados como uma ameaça ou agressão.

⁴ BJØRGO, Tore. **Root Causes of Terrorism: Myths, Reality and ways forward**. Oxfordshire: editora Taylor & Francis e-Library, 2005, p. 02. E-book. ISBN 0-203-33765-4. Disponível em < <http://books.google.com.br/books?id=9767368dbce5> > Acesso 15 set 2017. "O consenso emergente, no entanto, é que o terrorismo é principalmente um extremismo de meios, não um dos fins". (Tradução nossa)

Ainda assim, é também necessário compreender o terrorismo a partir de perspectivas que se distinguem em explicações ao nível individual e grupal, ao nível social e nacional e a nível sistêmico ou internacional. É necessário compreender que as razões para práticas terroristas e para o surgimento de grupos que o promovam são extremamente particulares. A saber, elementos de modernização econômica praticamente não se configuram como razões para o surgimento de grupos terroristas surgidos por questões e conflitos étnicos. Em muitos casos, o terrorismo é uma extensão do radicalismo de muitos conflitos e por conta disso, não pode ser abordado por um único viés.

Diante disso, algumas perguntas se fazem necessárias: 1) Existem razões em comum para todas as formas de terrorismo ou as manifestações de terrorismo possuem razões próprias e específicas que as diferenciem entre si? 2) Por que um grupo dissidente ou um movimento se radicaliza e inicia práticas de terrorismo? 3) A religião fundamentalista é em si uma razão para o terrorismo? 4) A ideologia radicalizada é uma raiz do terrorismo, ou é adotada posteriormente para justificar atos de terror realizados por outros motivos? 5) Qual a responsabilidade do Estado (ações fracas ou fortes) no surgimento de grupos terroristas?

Perante o que foi posto, algumas perspectivas iniciais: É praticamente impossível definir terrorismo e a sua relação entre condições sociopolíticas, estruturas e condições socioeconômicas como fatores motivacionais exclusivos para o terrorismo é fraca, uma vez que existem vários perfis de terrorista. Um bom exemplo reside nos protagonistas do atentado contra as Torres Gêmeas: não eram de origem pobre, possuíam formação e não haviam passado privações socioeconômicas. Nesse sentido, Dipak K. Gupta acrescenta “(...) *Any act of ‘terrorism’, however defined, is a collective action, a quintessentially political act taken in the name of a group based on ethnicity, religion, nationalism or ideological orientation (...)*”⁵

Sendo assim, é preciso compreender a criação de conexões entre estruturas emocionais internas dos indivíduos com a construção de crenças ética ou sistemas

⁵ GUPTA, Dipak K. **Exploring roots of terrorism**. in: BJØRGO, Tore. *Root Causes of Terrorism: Myths, Reality and ways forward*. Oxfordshire: editora Taylor & Francis e-Library, 2005, p.16. E-book. ISBN 0-203-33765-4. Disponível em < <http://b-ok.org/book/976736/8dbce5>> Acesso 15 set 2017; “(...) Qualquer ato de "terrorismo", por mais definido que seja, é uma ação coletiva, um ato essencialmente político tomado em nome de um grupo baseado em etnia, religião, nacionalismo ou orientação ideológica (...)”. (Tradução nossa)

político-ideológicos. Gupta (2005) entende que as motivações que explicariam a entrada e a participação de indivíduos em atos terroristas estaria relacionada a elementos egocêntricos. Para o autor, os indivíduos participantes desses atentados maximizam a importância do seu ato extremista e o soma aos benefícios possíveis para o grupo que pertence, caso essa análise seja superior aos custos, o ato terrorista é realizado.

Ainda assim, o autor ressalta que é preciso compreender as demandas psicossociais que explicariam o ingresso e a necessidade desses indivíduos em adentrarem nesses grupos. Fatores como necessidade de socialização, crenças religiosas, aspectos culturais e a influência do líder são elementos fundamentais para a compreensão dessa temática. Ainda que haja a doutrina, ela sozinha não é responsável pelo processo de radicalização, é na figura de líderes carismáticos como Osama Bin Laden no caso da Al Qaeda, ou os Aiatolás iranianos, caso consideremos que o governo do Irã patrocina e viabiliza atentados promovidos por grupos radicais como o Hezbollah mundo à fora, que ela se torna um potencial instrumento destrutivo. Por isso, é fundamental compreender o papel da construção desses líderes carismáticos.

Seja através dos sermões em mesquitas radicalizadas, ou através de aulas em madraças, os discursos políticos provocam um processo de construção do comportamento dos indivíduos que gradualmente sucumbem a vontade coletiva do grupo ao qual ele é imerso. Desse modo, é preciso compreender as engrenagens que permitem a união de estruturas socioeconômicas com aspectos socioculturais.

O líder se apresenta como um viés canalizador, responsável por unificar as vozes de segmentos sociais historicamente frustrados ou oprimidos, cria-se assim, o cenário ideal para um ambiente de identidade coletiva na qual prevalece a ideia de "nós" contra "eles". O autor ainda evidencia que o processo de formação de grupos terroristas inicia-se em geral como um determinado grupo de pessoas que se reúnem por se identificarem em seus sentimentos de frustração ou indignação contra um determinado adversário ou perante uma dada condição. Esses grupos, recebem orientações ideológicas de líderes carismáticos que são *eleitos* para representa-los numa luta tão *legítima* que quaisquer atos cometidos em nome dela, tornam-se válidos.

Gupta estabelece três perfis de terroristas em sua análise: 1) Terroristas profissionais ou Mercenários, os quais agem por interesses e oportunidades egoístas (saquear, estuprar ou ganhar notoriedade); 2) Crentes, aqueles que agem por ideologia ou crença; 3) E por fim, Participantes cativos, aqueles que agem por medo de não serem

inseridos no grupo. Uma vez traçado o perfil geral de terrorista, o autor utilizou a base de dados da ICT (Israeli-based International Policy Institute for Counter-Terrorism)⁶ para definir o modus operandi desses indivíduos e de seus respectivos grupos. O autor conclui que os grupos terroristas não seguem um padrão previamente estabelecido, mas sim sua própria lógica interna. Significa dizer então, que os elementos e aspectos culturais interferem diretamente nas práticas dos grupos terroristas atuantes no mundo.

Dito isto, algumas conclusões podem ser estabelecidas perante essa miríade de questionamentos: 1) Atentados suicidas se configuram como atentados promovidos por terroristas de fervor ideológico, ou como fora classificado anteriormente, *terroristas crentes*; 2) Atentados mais sofisticados como o uso de carros bombas, atiradores e demais especificidades sem o sacrifício da própria vida são promovidos por aquilo que o autor denominou de *terroristas profissionais*; 3) Grupos que atuam a partir de sequestros e que os utilizam como mecanismos de financiamento, portanto, diante da sua dependência econômica suas ações são movidas a partir de interesses materiais são classificados como *Mercenários*; 4) Grupos caracterizados por atividades de vandalismo são classificados pelo autor de *terroristas-hooligans*; E por fim, 5) Grupos que agem através de linchamentos e lapidação, caracterizados pela massificação dos seus atos, são denominados pelo autor de *terroristas vigilantes*.

Perante o que foi exposto, quais as ações deveriam ser adotadas pelo Estado contra esses grupos? Gupta argumenta que as relações e os mecanismos de combate aos extremismos devem ser avaliadas de modo que não se permita nem um Estado altamente coercitivo muito menos, um Estado ausente. O autor argumenta que as ações estatais não podem combater o extremismo desses grupos tornando-se ainda mais extremista. A luta a ser travada deve ser feita sob as normas universalmente aceitas e os padrões de direitos humanos e procedimentos justiça.

EM NOME DE DEUS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ATIVISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO

De acordo com Silva⁷, é possível identificar alguns momentos bastante específicos sobre o terrorismo internacional: 1) 1880-1914 – terrorismo de caráter

⁶ Instituto de Política Internacional para o Contra-Terrorismo sediado em Israel. (Tradução nossa)

⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010. _____. Terrorismo e guerra na era

anarquista; 2) 1945-1974 – terrorismo empreendido como ferramenta de luta anticolonial; 3) 1975-1985 – terrorismo político promovido por grupos de extrema-esquerda e extrema-direita; 4) 1993-até os dias atuais – terrorismo islâmico, caracterizado pela desmobilização de movimentos *mujahedines* (grupos guerrilheiros islâmicos de origem afegã que lutaram contra a ocupação soviética entre 1979-1989) que após derrotar os soviéticos, dedicaram-se a combater os novos inimigos, os quais seriam classificados por eles como *cruzados*, *pecadores* e os *sionistas* (ocidentais, regimes árabes moderados e o Estado de Israel). Aqui nos interessa este último como ponto de partida para nossa análise.

Diante dos eventos ocorridos no Oriente Médio ao longo da sua história recente, três acontecimentos podem ser elencados como ponto de partida para explicar as motivações que conduziram a guinada ao terrorismo islâmico. São eles, a invasão soviética contra o Afeganistão, a Revolução Iraniana e a Ocupação armada da Grande Mesquita de Meca. Todos ocorridos em 1979, ano que se apresenta como a virada da maré para o mundo islâmico.

Como já fora mencionado, em 1979, tropas soviéticas invadiram o Afeganistão com o intuito de estabelecer a sua influência política através do Partido Popular Democrático do Afeganistão (Comunista). A invasão soviética foi vista como uma tentativa de aniquilação da religião islâmica por infiéis invasores e por isso, foi responsável pela unificação de várias tribos e etnias afegãs que unidas a uma aliança estabelecida entre a maioria sunita e a minoria xiita levou a poderosa URSS a uma amarga e custosa capitulação.

No Irã, grupos xiitas liderados pelo Aiatolá Khomeini (líder religioso) derrotaram o Xá Mohammad Reza Pahlavi, o qual havia sido acusado de subverter os valores islâmicos e se curvar à vontade ocidental, especialmente aos interesses estadunidenses. A Revolução Islâmica Iraniana se tornou um símbolo contra a opressão de sistemas políticos autocráticos, muitas vezes subservientes aos interesses estrangeiros. Nas palavras de Vasco Rato

(...) A vitória dos revolucionários islâmicos iranianos provocou um terremoto em todo Oriente Médio. Do ponto de vista geopolítico, os países árabes circundantes temiam um regime que pretendia exportar a sua revolução para a vizinhança. Em vários países, com destaque para

o Líbano, as minorias xiitas, inspiradas em Khomeini, organizavam-se em grupos militantes, como o hezbollah. Mesmo nos países sunitas, o exemplo de Khomeini indicava que era possível derrubar ditaduras altamente repressivas e, aparentemente, irremovíveis (...).⁸

Enquanto isso, na Arábia Saudita, assistiu-se a um processo de radicalização de grupos religiosos denominados *wahabitas*⁹, que insatisfeitos com as posturas políticas da família al-Saud e da sua aproximação com governos ocidentais, levantam armas e invadem a Grande Mesquita de Meca. O governo saudita, diante dessa rebelião, recorreu a forças estrangeiras para pacificar o levante. Perante a acusação de que essas forças teriam profanado o mais sagrado local do Islã, explodiu uma violenta onda de indignação contra a família al-Saud, que passou a ser vista como apóstata e subserviente aos governos estrangeiros. Compreender esses eventos, representa antes de tudo, compreender o processo de formação do pensamento fundamentalista islâmico no século XX.

Em seu conturbado livro, *Em Nome de Deus*, Karen Armstrong aponta que o movimentos radicais e fundamentalistas são resultados de ambientes que proporcionam essa radicalização, especialmente, regiões caracterizadas por locais de crise. Em virtude, da descrença generalizada, especialmente sobre as formas tradicionais de fé, milhares de indivíduos teriam buscado no fundamentalismo a resposta para os seus dilemas psicológicos e emocionais.

(...) No mundo inteiro acha-se que as velhas formas de fé já não funcionam nas circunstâncias atuais: não conseguem prover o esclarecimento e o consolo que parecem vitais para a humanidade. Assim, tenta-se encontrar novas maneiras de ser religioso; como os reformadores e os profetas da Era Axial, homens e mulheres procuram usar as percepções do passado para evoluir no mundo novo que construíram. Uma dessas experiências modernas - por mais paradoxal que possa parecer à primeira vista - é o fundamentalismo (...).¹⁰

A autora entende que o mundo ocidental assistiu a um processo de racionalização responsável pelo esvaziamento do Mito (elemento simbólico de fé) em favor do Logos (elemento racional). Esse processo ocorreu ao longo da edificação da

⁸ RATO, Vasco. **Compreender o 11 de Setembro**: Dez anos depois. São Paulo: editora Babel, 2011, p. 24-25.

⁹ O Wahabismo consiste num segmento religioso islâmico de caráter puritano e fundamentalista nomeados para guardar a fé islâmica e proteger a Grande Mesquita de Meca;

¹⁰ ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 9.

modernidade (século XV a XVIII) teria sido exportado para outras sociedades no mundo, a saber, África, América e Ásia, mais especificamente, Oriente Médio. No que se refere a este último, a ideia de modernidade encontrou como principal obstáculo os valores pré-estabelecidos pela comunidade islâmica, a qual passou a considerar a chegada dos elementos ocidentais como ferramentas de dominação de desmantelamento dos seus antigos valores. Obviamente, isso causou uma reação e esta tem se manifestado ainda nos dias de hoje mediante as manifestações de movimentos fundamentalistas.

Nesse sentido, formou-se uma espécie de dualismo, no qual a modernidade ocidental se apresentava como grande ameaça às tradições islâmicas. Ao mesmo tempo, os valores locais dos povos dominados pelos europeus eram vistos por estes últimos como retrógrados e incivilizados. Não é a primeira vez que esse tipo de dualidade fora utilizada como ferramenta de luta, especialmente no que se refere à mobilização de grandes massas. Essa estratégia havia sido utilizada pelos revolucionários liberais europeus do século XVIII, que em nome da construção de uma sociedade racional e secularizada, combateram e renegaram todos os elementos associados ao Antigo Regime, que passaram a ser acusados de Obscurantismo.

Assim, como reação ao projeto ocidental, grupos fundamentalistas islâmicos entendiam que buscar tradições, resgatar valores locais através de princípios religiosos fundamentalistas eram uma forma política de se opor ao dominador e também de mobilizar as massas contra o projeto em curso. Visto dessa forma, assim como no passado, o dualismo continua sendo utilizado como ferramenta ideológica de arrebanhamento de multidões em prol da luta política, ideológica e armada. Sob esse espectro fora formada a *Sociedade dos Irmãos Muçulmanos*.¹¹

Considerada como uma das principais precursoras do Fundamentalismo Islâmico, a *Sociedade dos Irmãos Muçulmanos*, fundada em 1928, surgiu no Egito em um contexto de lutas por autodeterminação e descrença a tentativa de construção de um Estado Laico conduzido pelo grupo político nacionalista Wafd que assumira parcialmente o controle do país a partir de lutas iniciadas em 1919.

¹¹ Ver CASTRO, Isabelle Christine Soma de. **Do Islã à Política: A expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Apesar da independência conquistada pelo Wafd perante a Inglaterra, esta foi estabelecida a partir de acordos que minavam a autonomia do país e conseqüentemente punham em xeque a credibilidade desse grupo perante a sociedade egípcia.

A falência do Wafd, como projeto político, não representou apenas a derrota de uma proposta ou de um partido, mas sim, a derrota de um projeto de Estado Laico com valores liberais e ocidentalizantes, que ao se enfraquecer permitiu que a sociedade egípcia migrasse para as fileiras da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos liderada pelo Xeiqe Al- Banna. Este por sua vez defendia propostas de reforma na educação, através da introdução do ensino religioso obrigatório. Propunha também a adoção da shariah (lei islâmica), uma vez que, ele compreendia o islamismo não apenas como um preceito religioso, mas como elemento que abrangeria todas as questões humanas.

Rapidamente, diante da inépcia do Estado Egípcio, a Sociedade dos Irmãos Islâmicos assumiu responsabilidades e funções que deveriam ser atribuições do governo. Construção de clínicas médicas, creches, escolas populares, defesa da reforma agrária, entre outras propostas, tornavam-se razões fundamentais que explicariam o aumento de suas fileiras cada vez mais compostas por camponeses e demais segmentos populares. Al-Banna, com o seu discurso nacionalista e voltado para medidas que atendia às demandas da população, alcançou notoriedade, mas acima de tudo, estabeleceu uma linha de pensamento político a ser reproduzido por uma geração de líderes ativistas fundamentalistas islâmicos.

Karen Armstrong argumenta que esse posicionamento pertencente ao líder muçulmano Abu Ala Maududi, o qual estabelece que não cabe ao homem determinar ou legislar para si e para outrem, uma vez que, a lei já está posta pelas escrituras sagradas (Alcorão). Ao conceber o elemento legal dessa forma, Maududi nega a secularização ocidental iniciada sob os valores iluministas. Sendo inclusive apresentado por ele, como uma via ainda mais democrática do que os elementos ocidentais.

(...) O sistema islâmico protegia o Estado dos caprichos e ambições do governante. Libertava os muçulmanos da inconstância e da possível maldade do controle humano. Pelo princípio da shurah ("consulta"), o califa era obrigado a deliberar com seus súditos, mas isso não significava que a legitimidade do governo derivava do povo, como no ideal democrático. Nem o califa nem o povo podiam legislar. Podiam apenas administrar a Shariah. Portanto os muçulmanos deviam resistir às formas ocidentalizadas de governo impostas pelas potências

coloniais, pois elas constituíam uma rebelião contra Deus e usurpavam a autoridade divina (...).¹²

Na visão de indivíduos como Maududi, recorrer aos valores tradicionais era, sobretudo, um exercício de liberdade contra os sistemas políticos repressores e secularistas que se impunha sobre a comunidade islâmica. Não é estranho portanto, que essas propostas ideológicas tenham arregimentado grandes contingentes de indivíduos por onde tenha sido propagada. O Islamismo passa a ser transmitido como uma ideologia de libertação

Foi nesse universo que foram formados, os pensamentos de Sayyid Qutb e Abdullah Yusuf Azzam, os quais são basilares para compreender o fundamentalismo islâmico no século XX, especialmente a partir de 1979. Obviamente que não pretendemos adentrar de maneira profunda em seus elementos doutrinários, mas sim, apresentar os principais elementos ideológicos que teriam composto a base doutrinária da Al Qaeda.

Uma das principais insatisfações desses teóricos era a saída da Civilização Islâmica do centro do mundo. A questão que se colocava para eles era: O que levou a decadência da Civilização Islâmica? Na visão desses teóricos, a única saída possível dessa condição era recorrer às tradições islâmicas em prol da restauração da *Umma* (Civilização Pan-Islâmica). Nas palavras de Rato (2011)

(...) a verdadeira clivagem opunha o Ocidente cristão ao Oriente islâmico; dito de forma diferente, Qutb mantinha que a linha divisória da contemporaneidade era entre o materialismo ocidental e a espiritualidade muçulmana (...).¹³

Portanto, Qutb considerava que ao se permitirem abraçar os valores materialistas da cultura ocidental, os islâmicos teriam provocado o enfraquecimento da sua civilização e com isso, perdido o seu posto que lhes era de direito: o centro do mundo. Para ele, seria necessário recorrer à jihad e às tradições islâmicas para combater o vazio espiritual propagado pelo mundo ocidental e a sua cultura. O seu pensamento é uma oposição a tudo que os valores ocidentais secularizados representam.

¹² ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 201.

¹³ RATO, Vasco. **Compreender o 11 de Setembro: Dez anos depois**. São Paulo: editora Babel, 2011, p. 34.

O peso da "traição" ocidental após a 1ª Guerra (1914-1918) ao não criarem o Estado Árabe para as populações recém-libertadas do Império Turco-Otomano (1453-1919) levou a comunidade islâmica a se sentir frustrada e, conseqüentemente, sentindo-se órfãos, a comunidade buscou em movimentos coletivistas a resposta e a saída necessária para formação do seu país. Esse sentimento esteve presente no pan-arabismo e também na ideologia de Sayyid Qutb e Abdullah Yusuf Azzam.

“(…) o ser humano dificilmente sustenta opiniões racionais, quando se sente enfrentando grandes obstáculos apenas para sobreviver (…)”.¹⁴ E foi sob esse espectro que a comunidade islâmica se viu imersa, seja por imposições colonialistas, seja por governos autoritários e ineptos perante às demandas da população.

Rato argumenta que

(…) Azzam advogava o estabelecimento de um califato que englobasse a totalidade das terras muçulmanas. A Jihad era, pois, um instrumento para, a longo prazo, atingir os objetivos políticos resultantes de uma leitura ideológica do mundo (...).¹⁵

Azzam entendia que, a principal justificativa para a decadência da civilização islâmica residiria em governos fracos e apóstatas que permitiram a interferência das potências ocidentais em seus respectivos países. Portanto para ele, a única alternativa viável era a criação de condições que possibilitassem a implantação da *Umma*, especialmente após os acontecimentos ocorridos durante a ocupação da Grande Mesquita de Meca, que escandalizaram a opinião pública muçulmana. Para isso, era preciso combater todos os principais elementos ou símbolos de representação dos valores ocidentais, a saber, governos muçulmanos aliados do mundo ocidental, Israel e por fim, os Estados Unidos. Contudo, por que a Argentina se tornaria alvo?

AO SUL DA FRONTEIRA: O ATENTADO CONTRA A ASSOCIAÇÃO MÚTUA ISRAELITA ARGENTINA

Fundada em 1894 sob o nome de Jevrá Kedushá¹⁶, a Associação Mútua Israelita Argentina fora criada com o propósito de proporcionar condições para a

¹⁴ ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 206.

¹⁵ RATO, Vasco. **Compreender o 11 de Setembro**: Dez anos depois. São Paulo: editora Babel, 2011, p. 38.

¹⁶ Para mais informações ver <<http://www.amia.org.ar/index.php/content/default/show/content/13>> Acesso 17 out 2017.

preservação das tradições judaicas, destaca-se aqui, a criação de um Cemitério judaico com o intuito de legitimar a presença judaica na composição social argentina.

A Argentina é caracterizada pela enorme presença de povos semitas em seu território, abrigando simultaneamente as maiores comunidades judaica e árabes da América Latina. No entanto, foram frequentes casos de perseguição a esses povos, especialmente os judeus, em virtude de um forte sentimento antissemita histórico no país. Somado a isso, no século XX, governos argentinos apresentaram uma relativa proximidade aos governos fascistas, especialmente o Nazismo. Não foram estranhas a participação de indivíduos e organizações declaradamente nazistas no governo argentino no período conhecido como *Década infame* (1930-1943)¹⁷, como por exemplo, o *GOU* (Grupo de Oficiais Unidos) criado em 1943 com forte caráter nacionalista e anticomunista.

Pois bem, em 17 de março de 1992, a embaixada Israelense situada em Buenos Aires sofreu um atentado responsável pela morte de 29 pessoas. Reivindicado pelo grupo terrorista libanês Hezbollah, o ataque fora uma resposta do extremismo de caráter islâmico a fracassada tentativa de acordo de paz ocorrida na Conferência de Madri (1991). No entanto, levanta-se o questionamento: Por que Buenos Aires?

Carlos Escudé e Beatriz Gurevich¹⁸ buscam em seu texto estabelecer uma relação entre o enfraquecimento do Estado Argentino, corrupção endêmica e institucional como razões potencializadoras para a realização de atentados terroristas contra a Argentina. Uma vez que, enfraquecido e mergulhado em casos de corrupção, o governo argentino não conseguiria estabelecer mecanismos necessários para o combate ao extremismo e portanto, tornam-se ambientes férteis para a proliferação desse tipo de prática. Contudo, as explicações não se encerram aqui.

Os autores argumentam que o ex-presidente Carlos Menem (1989-1999), descendente de imigrantes sírios, teria obtido financiamento do governo de Hafez al-Assad (presidente Ditador da Síria) em sua campanha presidencial. A partir disso, relações diplomáticas entre a Argentina, Síria e Líbia teriam se intensificado, sobretudo,

¹⁷ Período político argentino iniciado pelo golpe civil-militar contra o presidente Hipólito Yrigoyen caracterizado pelo autoritarismo e forte repressão às camadas populares.

¹⁸ Ver ESCUDÉ, Carlos. GUREVICH, Beatriz. Limits to Governability, Corruption and Transnational Terrorism: The Case of the 1992 and 1994 Attacks in Buenos Aires. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. Tel Aviv, n. 2, vol. 14, 2003; Disponível em <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/922/958>> Acesso 19 set 2017.

em virtude dos interesses argentinos no projeto de mísseis balísticos Condor II e no desenvolvimento de tecnologia nuclear. Essa parceria geopolítica teria sido possibilitada em virtude da retirada do Iraque de acordos com a Argentina devido à Guerra do Golfo (1990-1991).

Apesar da proximidade entre esses países árabes e a Argentina, o projeto Condor II fracassou, assim como, o projeto de desenvolvimento nuclear entre Argentina e Síria. Uma das razões que poderiam explicar o fracasso, está relacionada às pressões estadunidenses e a implantação da sua hegemonia político-militar no Oriente Médio. Vitoriosos após a Guerra do Golfo, os EUA buscaram isolar países árabes contrários a sua política externa, além de pressionar a Argentina para aderir ao Tratado de Não-proliferação Nuclear realizado o encerramento do conflito no Iraque.

Desse modo, devido a adesão da Argentina ao acordo, as relações entre este país e a Síria se deterioraram, o que motivou o governo sírio retirar a Argentina da lista de países proibidos de ação do Hezbollah, organização terrorista libanesa pró-iraniana e sob proteção militar síria. O estopim da crise entre esses países se deu com a morte de Abbas El Mousawi, secretário geral do Hezbollah, por forças militares americanas. A morte dele pode ser considerado o estopim decisivo para o ataque contra a embaixada israelense em Buenos Aires, o qual teria sido foi co-patrocinado pelo Irã e Síria e executado pelo Hezbollah, com o apoio logístico de mercenários locais de direita e anti-judeus suspeitos de possuírem ligações com as forças de segurança do Estado argentino. Mas esta é apenas uma parte da história, e muito possivelmente, teria sido apenas um ensaio para algo ainda mais bárbaro e violento: o ataque contra a AMIA (Associação Mútua Israelita Argentina) em 1994.

No dia 08 de julho de 1994, dez dias antes do atentado, um cidadão brasileiro (Wilson dos Santos) comunicou ao Consulado da Argentina em Milão¹⁹ sobre a possibilidade de um novo ataque contra a comunidade judaica em Buenos Aires. Wilson do Santos aparentemente havia mantido relações criminosas com indivíduos provenientes do Oriente Médio na Tríplice Fronteira (região que integra as fronteiras do Brasil, Paraguai e Argentina) e com isso, teria tido acesso a pessoas que o informaram sobre o novo ataque.

¹⁹ Ver ESCUDÉ. Carlos. GUREVICH. Beatriz. Limits to Governability, Corruption and Transnational Terrorism: The Case of the 1992 and 1994 Attacks in Buenos Aires. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. Tel Aviv, n. 2, vol. 14, 2003; Disponível em <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/922/958>> Acesso 19 set 2017.

A região tem sido alvo de preocupações das autoridades dos três países já a algum tempo. Marcada por uma intensa atividade criminosa, tráfico de drogas e armas, lavagem de dinheiro, entre outras, a Tríplice Fronteira pode ser muito facilmente utilizada como região que forneceria subsídios necessários para o planejamento de um atentado em quaisquer regiões do globo. Amaral aponta que a corrupção generalizada e a fraqueza institucional dos três países que compõe essa área evidenciam obstáculos para o combate a quaisquer atividades terroristas que pudessem se desenvolver na região. Diante disso, a Tríplice Fronteira se tornaria uma área de fácil passagem de indivíduos que possuíssem conexão com células terroristas.

Em virtude dos acontecimentos ocorridos em 11 de setembro de 2001, as especulações de que nessa região houvesse atividade dessa natureza aumentaram, o que levou a criação do “Grupo 3+1”

“(…) Também chamado de Mecanismo ou Grupo 3+1, trata-se de um foro de caráter informal que reúne autoridades governamentais de Brasil, Argentina, Paraguai e Estados Unidos, estruturando uma instância comum de coordenação e consulta dotada de três objetivos principais: (1) facilitar e dinamizar o intercâmbio e compartilhamento de informações, (2) desenvolver e articular políticas de segurança coordenadas regionalmente para a zona de fronteira tríplice e (3) elaborar documentos públicos assinados de comum acordo pelos quatro governos nacionais envolvidos (os “Comunicados Conjuntos”), nos quais se expressa a postura oficial e o consenso dos membros do grupo sobre o tema do terrorismo internacional na região (...)”²⁰

Para além de questões de segurança, compartilhamento de informações e *comunicados conjuntos*, as autoridades envolvidas no Grupo 3+1 entendiam também que era preciso promover o desenvolvimento social e econômico da região para coibir o desenvolvimento de atividades criminosas e por sua vez, terroristas. A Tríplice Fronteira é basicamente composta por três cidades: Foz do Iguaçu (Brasil), mais rico e de forte presença árabe, Ciudad del Este (Paraguai), principal área comercial, e Puerto Iguazú (Argentina), cidade mais pobre dessa região. Nas palavras de Saiba a Tríplice Fronteira seria uma cidade com *três bairros*.

No entanto, apesar de discursos e esforços diplomáticos, a região continuou a sofrer com a má articulação entre os países membros do Grupo 3+1, e ainda, por ações

²⁰ AMARAL, Arthur Bernardes do. **O problema do terrorismo internacional na América do Sul e a Tríplice Fronteira: histórico e recomendações.** In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010, p.167.

marcadas pela unilateralidade estadunidense, o que dificultou ainda mais quaisquer políticas que visassem dirimir os problemas da Tríplice Fronteira. Mesmo com isso, não foram detectadas células terroristas na região, ainda que ela seja alvo de disputa geopolítica entre os EUA e o Irã.²¹

Assim, no dia 18 de julho de 1994, a Associação Mútua Israelita Argentina sofreu um atentado terrorista responsável pela morte de 85 pessoas, por cerca de 300 feridos e por aquele que fora o maior ataque a comunidade judaica desde a era nazista. Mesmo com tantos agravantes, o caso continua sem respostas claras, mas inúmeras especulações. O rabino Avi Weiss, é uma das principais vozes a levantar suspeitas sobre a cumplicidade do governo Menem e autoridades argentinas em relação aos atentados. Weiss denunciou que Monzer al Kassar, terrorista sírio, era envolvido numa série de negócios escusos com membros do governo e das forças armadas argentinas na Era Menem (1989-1999), e que esteve associado à lavagem de dinheiro pelo Banco de Crédito Comercial Internacional, o qual teria promovido financiamento a práticas terroristas.

Monzer al Kassar poderia ter sido o elo necessário para provar a participação da Síria no financiamento ou planejamento dos atentados contra a comunidade judaica em Buenos Aires, no entanto, apesar do Relatório oficial AMIA / DAIA (Delegação de Associações Israelitas Argentinas) (1997) recomendar a continuidade das investigações, autoridades israelenses optaram por não levar a investigação adiante, por entender o papel estratégico da Síria nas negociações de paz no Oriente Médio naquele período. Outro documento importante é o relatório produzido pelo Acción por la República (partido político do ex-ministro da Economia, Cavallo), o qual sugerira um encobrimento para ocultar o financiamento da campanha ilegal de Menem pela Síria e pela Líbia, e as promessas insatisfeitas de Menem para os países árabes, como um gatilho bombardeios.

Outras graves denúncias apontam para a retirada de policiais do local do atentado momentos antes do ocorrido e ao emprego de pessoas com posturas de extrema-direita em cargos oficiais, como é o caso de Pascual Oscar Guerrieri, acusado

²¹ AMARAL, Arthur Bernardes do. **O problema do terrorismo internacional na América do Sul e a Tríplice Fronteira: histórico e recomendações.** In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010.

de ter sido torturador durante a última ditadura militar, e que fora nomeado por Menem como um assessor SIDE (Secretaria de Inteligência de Estado).

Também podemos acrescentar como suspeito, um ex-coronel da inteligência síria (Ibrahim al Ibrahim), intimamente ligado a Menem, que teria recebido cidadania argentina e mesmo sem dominar o idioma espanhol, teria sido nomeado assessor especial da Alfândega argentina e, posição essa que lhe facilitaria quaisquer atividades de tráfico ilícito.

Nesse sentido, a atuação autônoma de organismos do governo evidenciam o esvaziamento do poder central e sérios problemas de governabilidade por parte do Estado argentino. Perante essas suspeitas e denúncias, resta o papel do grupo Memoria Activa (Grupo composto por familiares das vítimas do atentado contra a Embaixada Israelense e AMIA) como organismo civil que tem atuado na promoção de ações que pressionem as autoridades em busca da verdade. Especialmente em ações que cobram a atuação do juiz responsável pelo caso, Juan José Galeano.

O correspondente do New York Times, Larry Rother publicou uma entrevista na qual Nilda Garré (chefe da Unidade Especial de Investigação do Ministério da Justiça os Ataques) teria dito

“(…) not only has there been no support for getting to the bottom of this case; you can also say that some government organs have actively sabotaged the investigation (...). (...)state intelligence and the federal police are clearly involved... but there is also evidence pointing to the involvement of agencies ranging from Immigration to the Foreign Ministry (...)”²²

Portanto, é preciso atentar que, a corrupção generalizada existente em vários segmentos das agências de segurança do Estado argentino provou ser um elemento importante tanto no encobrimento quanto nas cumplicidades de envolvimento mercenário que facilitariam o ataque. É preciso também lembrar que essa corrupção endêmica responsável pelo enfraquecimento do poder central argentino é marcante desde ao seu período ditatorial, o qual teria concedido autonomia suficiente para que

²² GARRÉ, Nilda. in: ROHTER, Larry. Iran blew up Jewish Center in Argentina, **New York Times**, 2002; Disponível em < <http://spme.org/newsletter/nytimes-com-article-iran-blew-up-jewish-center-in-argentina-defector-says/>> Acesso 15 set 2017; “(...) não só não houve apoio para chegar ao fundo deste caso; Você também pode dizer que alguns órgãos do governo sabotaram ativamente a investigação (...). (...) a inteligência do estado e a polícia federal estão claramente envolvidas ... mas também há evidências que apontaram para o envolvimento de agências que vão desde a Imigração até o Ministério das Relações Exteriores (...)” (Tradução nossa)

grupos paramilitares e a agência de inteligência do Estado agissem livremente contra os seus opositores e com isso, fosse responsável pela perpetração de inúmeros crimes.

Obviamente que não podemos e nem pretendemos afirmar aqui que, os atentados ocorridos em 1992 e 1994 considerados como desejáveis pelo governo. Este, diante dos fatos, buscou promover encobrimentos desses crimes para evitar a revelação de situações criminosas muito maiores.

A partir de 1996, apesar das pressões iniciais, a AMIA e a DAIA (Delegação de Associações Israelitas Argentinas) adotaram uma postura moderada no que se refere as suas exigências perante o governo argentino. Contudo, o grupo *Memoria Activa*, manteve uma postura ríspida e ainda mais radical, denunciando por vezes situações suspeitas e até mesmo corruptas de autoridades envolvidas na investigação. Uma delas aponta que a moderação da DAIA e de seu presidente, Rubén E. Beraja, em relação ao governo Menem estaria relacionada a favorecimentos que o Banco Central Argentino teria proporcionado para o Banco Mayo, pertencente a Beraja. O caso AMIA continua em aberto e repleto de questionamentos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo é fruto de investigações iniciais sobre o atentado promovido contra a Associação Mútua Israelita Argentina. Para isso, buscamos estabelecer uma construção, ainda que superficial do pensamento fundamentalista islâmico contemporâneo como uma ideologia de ativismo político que tem se ramificado pelo mundo nos últimos anos, especialmente após a Revolução Islâmica Iraniana (1979).

Acreditamos que o atentado contra a AMIA é apenas a ponta de um enorme iceberg a ser desvendado e para isso, lançamos aqui perguntas ainda não respondidas ou mal compreendidas, que imersas em inúmeras dúvidas e suspeitas apresentam problemas a serem discutidos no futuro: 1) a relação entre o atentado e o antissemitismo argentino; 2) o papel do Irã e os seus objetivos caso seja comprovado o seu envolvimento; 3) a possibilidade de envolvimento da ex-presidente Cristina Kirchner; 4) o papel das mesquitas na propagação dessa ideologia política. Enfim, ainda há inúmeros vazios e possibilidades a serem investigadas e discutidas.

Este artigo não tem como pretensão esgotar essa temática, ao contrário, a ideia presente aqui é levantar mais possibilidades e questionamentos para a pesquisa e consequentemente lançar luz a um tema ainda obscurecido. Cabe aos investigadores e pesquisadores buscar respostas para os sobreviventes e através delas, a possibilidade de compreensão e esperança para um porvir.

RECEBIDO EM: 12/02/2018

PARECER DADO EM: 29/04/2018



www.revistafenix.pro.br